



TRIBUNA Livre

25
JUNHO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOZA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - A M A R E S

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Nem as lendas do Mar das Tormentas nem os monstros do Mar Tenebroso — nada esmoreceu ou susteve o ímpeto, a fortaleza da Raça, quando chegou a sua hora de continuar ousadamente na carreira empreendida de muito longe, desde as alturas das montanhas da Lusitânia.

Todas essas pieguíssimas razões e fantasmas, que ainda sobreviviam na alma supersticiosa das gentes, entre hesitantes e decididas a arrojar-se contra os oceanos — tudo isso foi esconjurado pela Cruz de Cristo impressa nos panos das Caravelas de Quatrocentos. Ufanando-se aos ventos favoráveis, correram por entre as ondas e venceram todos os perigos e tempestades.

Procissão de mareantes a caminho de Belém; a ladaínia de Todos-os-Santos entoada desde a Sé ao Restelo; missa,

absolvição geral, comunhão e velada de armas praticada pelos heróicos cavaleiros da Ordem de Cristo, na qual se reacendia e confortava o ânimo das antigas façanhas nesta campanha aventureira — que preságios, que receios poderiam amedrontar os Homens instruídos na Escola do glorioso Infante Navegador?...

Propunha-se ele fazer grande Serviço a Deus, se por sua industria e trabalho se fizesse navegavel o mar oceano para as regiões meridionaes e orientaes, até aos povos Indianos, que se dizia serem christãos, afim de participar e comunicar com elles; de empregar o seu auxilio contra os sarracenos, e outros inimigos do nome christão; de fazer prègar o evangelho aos idólatras, que porventura habitas-

sem aquellas remotíssimas regiões alto e magnânimo intento deste Príncipe, que assim o declarava a Nicolau V e requeria a sua aprovação, obtida por Bula de 1454. Nada de guerras nem violências, do sistema em que se batalhará; simplesmente a luta contra os elementos da Natureza que, quando Deus quer, desembavesce e acalma.

E Deus abençoou de seu início a difícil quão generosa aventura ao serviço da *Fé e do Império*. O rosário das formosas ilhas do Atlântico, que os primeiros navegadores logo começaram a contar para a grandiosa História dos Descobrimentos — para tal efeito as deixara a Providência à tona d'água, do mar infindo, quando pela última vez passou a vista pela definitiva configuração do Cosmos.

Incomparável a glória deste Príncipe! A mesma Providência lhe segredou e inspirou na alma senhadora os sinais certos desses oásis semeados pelas plagas dos mares desertos, quando lhe encaminhou os passos a debruçar-se, meditando, desse último reduto do velho continente — o Sacro Promontório.

Código Administrativo

Consta-nos que vai ser publicado, no fim do corrente ano, um novo Código Administrativo, em virtude das inúmeras alterações que sofreu o actual, desde 1936 para cá.

Embora esteja entregue em boas mãos a redacção desse Estatuto, sugerimos (se é que isso já não esteja previsto) que, quanto ao funcionalismo, tudo fôsse radicalmente remodelado.

É que, quanto a nós, deveria acabar-se com as designações de «Funcionário Público» e «Funcionário Administrativo», ficando apenas a primeira, visto que são todos de facto, funcionários para serviço público. Todos têm idênticas habilitações literárias; todos descontam para a Caixa Geral de

Aposentações: todos por ali passam a ser pagos quando aposentados e reformados. Sómente ficariam a receber os vencimentos, como até aqui, pelas autarquias a que pertenciam, e isso automaticamente conforme a legislação aplicável, sem dependência de Portaria especial.

Concomitantemente, as regalias gerais que até aqui só têm beneficiado aqueles, como: permutas de lugar; transferências pelo pedir e por motivo disciplinar; concursos e provimentos; lei de conjuges, etc. deveriam ser comuns a todos, adaptando-se, porém, às modalidades dos serviços:

Continua na 5.ª página

Espezinhar, não!

Sob o título «Espezinhar, não!» protesta «O Setubalense» contra o tratamento dado a empregados portugueses por dirigentes norte-americanos de uma fábrica de pneus situada em Alcochete.

Depois de frisar que no dia da inauguração havia sido salientado que portu-
gueses e norte-americanos trabalhariam em estreita colaboração e igualdade nota:

Assim deveriam vir para Portugal cinco ou seis técnicos estrangeiros para ensinar os técnicos portugueses a fazer pneus, e só a fazer pneus!

Acontece que chegam do outro lado do Atlântico, a Alcochete, indivíduos de toda a espécie, técnicos, directores de fábrica, *controllers*, que empalmam toda a direcção, deixando o próprio conselho de administração, constituído por portugueses, inapto a colocar a fábrica sob direcção administrativa, verdadeira e efectiva, de entidades nacionais.

«Resultado desta estranha anomalia: atritos a toda a hora entre o pessoal português que lá trabalha e os estrangeiros que se arvoram em mandões, com mentalidade diversa da nossa, com ignorância completa do Estatuto do Trabalho Nacional, até com desprezo pelas leis do país».

Narra o caso de um português, funcionário dos escritórios da fábrica, despedido por se recusar a descarregar pneus de uma camioneta, e acrescenta:

Como este, muitos, muitos mais casos de prepetência, de desmando, de injustiça, de atropelo às leis vigentes se cometem diá-

Continua na 4.ª página

Continua na 2.ª página

Cerimónia de apresentação

de cumprimentos ao

novo comandante da P.S.P.

Terça feira finda, no gabinete do Senhor Governador Civil, reuniram-se as forças representativas do Distrito, afim de, e por convite daquele Magistrado, apresentarem cumprimentos ao sr. capitão Rui Vasques de Mendonça, recentemente nomeado comandante da P. S. P. do nosso Distrito.

O novo Comandante da Polícia é pessoa que goza no Distrito da maior simpatia e admiração graças aos seus dotes de militar brioso, apurado e inteligente, razão porque à cerimónia compareceram as figuras mais em destaque no nosso meio.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o Senhor Conselheiro António Abranches, distinto Governador Civil que se referiu às notáveis qualidades de militar do homenageado e à simpatia que goza em todo o Distrito. Em seguida teceu o mais

rasgado elogio do sr. Capitão Euclides de Barros, comandante cessante que realizou obra digna, mormente no Albergue Distrital a que o seu nome fica ligado sobremaneira.

Falou a seguir o sr. Comendador António Maria Santos da Cunha, presidente da Câmara de Braga que com o maior entusiasmo mencionou a par das qualidades militares as qualidades pessoais e de exemplar chefe de família do novo comandante.

Disse dos altos serviços prestados ao Distrito pelo sr. Comandante Euclides de Barros e dos seus reconhecidos dotes de nacionalista integro.

O Senhor Capitão Euclides de Barros, que falou em seguida agradeceu as referências que lhe haviam feito e

(Continua na 4.ª página)

COMENTANDO AS FESTAS

A SANTO ANTÓNIO.

Acabaram-se as Festas. Parece oportuno fazer-lhes alguns comentários que poderiam ter utilidade se fossem lidos ao ensaiar-se o programa das que vêm.

Primeiramente as merecidas palavras de elogio para a Comissão que trabalhou muito para as realizar e não pode furtar-se a surpresas desagradáveis com que não contava mas que conseguiu vencer bem.

Nela entraram dois elementos novos, na idade e no exercício, Artur Eleutério G. Macedo e José Antunes da Silva, ambos esforçados e persistentes, cuja acção merece especial realce.

As Festas decorreram como de costume, prestigiando

a terra. Não estaria mal, porém, que a atenção recaísse sobre uma possível valorização sem dispendio e sobre a necessária distribuição de tarefas.

A procissão foi particularmente grande e rica e a sua organização tem estado a cargo de senhoras dedicadas e competentes só havendo que continuá-la nos moldes e na direcção, sem a retirar do dia 13, até porque o povo já se habituou a não trabalhar nesse dia e a vir às Festas, permitindo este ano uma concorrência nunca tida.

A prova ciclista, incluída no dia grande, está entregue á Modelar, e bem.

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Cinco Séculos de Espera Prémio D. João II

Por António Maria Zorro

Mesmo sem evocar a cena em que o cronista nos narra o último encontro de D. João I com o seu condestável, na cela do Carmo e no limiar da Eternidade, não é difícil imaginar-se quão profunda amizade ligava o velho Nun'Alvares aos jovens Infantes da Inclita Geração.

A data em que os Infantes foram armados cavaleiros tinha Nun'Alvares 55 anos. Era a personificação da glória junto de toda a geração nascida depois da vitória de Aljubarrota; à data da sua morte — 1431 — já essa geração entrava na meia idade, já D. Duarte se apresentava para cingir a coroa, já D. Henrique ligara o seu vulto negro ao negro vulto do promontório de Sagres e Sagres e o Infante eram certezas de glórias novas; o carmelita agonizante no Carmo era então a personificação da santidade. E, Heroi ou Santo, Nun'Alvares era, sobretudo, para a Família de Avis, o Amigo Tutelar, o Padrinho, a sua própria razão de ser.

A rapidez com que o culto de Nun'Alvares se espalhou por todo o país não resultou, apenas, de um movimento espontâneo da devoção popular; não foi somente o fruto amadurecido ao calor de um nacionalismo estuante e bravo, como era o dos portugueses e o da plebe na sociedade portuguesa do século XV; reflexo natural do misticismo e da caridade do antigo Conde de Ourém, esse culto foi principalmente impulsionado pela Família de Aviz, um pouco pelas razões de Estado, mas muito por imperativo da consciência.

Pouco tempo decorrido sobre a morte do Condestável, já ardia perpetuamente uma chama votiva junto do seu túmulo, em lampadário de prata ali mandado acender por D. Duarte; o mesmo D. Duarte coligiu a lista dos milagres atribuídos ao novo candidato à canonização e organizou as bases do respectivo processo, enquanto seu irmão, o Infante D. Pedro, compunha a primeira oração que se rezou, em louvor e súplica, a Nuno de Santa Maria.

A vontade real conjugou-se tão perfeitamente com a devoção popular e com o reconhecimento da sobrenaturalidade de procedimento de Nun'Alvares, da parte dos religiosos carmelitas, que não tardou que por todo o lado se comesçassem a esculpir e a ve-

nerar imagens de Frei Nuno de Santa Maria e que no altar erguido em sua honra no mosteiro do Carmo se celebrasse missa, com expressa aprovação da autoridade eclesiástica.

Perguntar-se-á como decorria, entretanto, em Roma, o processo da canonização. É de supor que as influências movidas por Castela junto da Santa Sé no sentido de embargar o processo hajam sido tão subtis e tão persistentes como o foram as que procuravam contestar às naus portuguesas o direito da descoberta do mundo; se no capítulo territorial foi possível chegar-se à assinatura do Tratado de Tordesilhas; já o mesmo não aconteceu nos domínios celestiais; e se, durante a monarquia dualista, houve da parte dos agentes dos Reis da Casa de Austria o intento de desnacionalizar Portugal, ele evidenciou-se, sobretudo, na preocupação de pôr cobro ao culto de

Nun'Alvares; cujas imagens chegaram a ser crismadas com o nome de Santo Amaro...

A restauração de 1640 tornou a levar à consideração da Santa Sé, em petição do Rei e de todo o Episcopado, a causa da canonização de Nun'Alvares; o pedido renovou-se em tempos de D. Pedro II e é bem natural que D. João V o tivesse incluído na avultada agenda das suas pretensões junto da Cúria Romana.

Seja como for, só em 1894, por iniciativa do postulador das causas de beatificação e canonização da Ordem Carmelitana, Padre Anastásio Ronci, se encetou, com carácter definitivo, o processo do reconhecimento do culto. Vinte anos mais tarde, em 7 de Março de 1914, o respectivo tribunal eclesiástico português lavrava a sentença aprobatória e quatro anos mais

Continua na 4.ª página

A primeira casa do homem na lua será uma esfera de quatro andares

Os primeiros homens na Lua terão que suportar as condições de um planeta sem vida e sem ar, excessivamente quente durante metade do tempo e impiedosamente frio durante a outra. Os meios para sobreviver em tais circunstâncias já estão, porém, muito adiantados.

A empresa que fabrica o missil intercontinental «Titan» apresentou o projecto de uma casa lunar; capaz de alojar cinco pessoas. Tudo foi planejado de modo que os habitantes possam ali viver e trabalhar por prazo indefinido — isto é: se eles alguma vez chegarem a uma conclusão positiva sobre a distribuição das tarefas.

Quem dará a ração às galinhas e aos porcos? Quem ordenhará a vaca? Quem tratará do jardim?

O Jardim ocupa cerca de um terço da habitação, desenhada sob a direcção do dr. James Gaume, chefe de Medicina Espacial da Divisão de Denver da empresa. Tanques hidropónicos, em que produtos químicos substituem os elementos nutritivos do solo, conterão culturas de algas e de plantas alimentícias. Os técnicos da firma já criaram processos adequados, com que se obtêm melhores resultados e mais rápidos do que nas estufas ou nas hortas.

As algas expelem oxigénio

bastante para se manter uma atmosfera respirável na casa, constituída por uma esfera isolada, de doze metros, dividida em quatro andares. O jardim dará plantas comestíveis e frutas em número suficiente para quebrar a monotonia da dieta de proteínas, que constituirá a alimentação fundamental dos primeiros habitantes da Lua.

Os tanques hidropónicos ocupam todo o andar superior e parte do terceiro. Os animais viverão em gaiolas, alimentando-se de forragem, fornecendo adubo para as plantas e exalando anidrido carbónico que, com o que expelirem os residentes da casa, servirá para a respiração dos vegetais. Estes, por seu turno, contribuirão também para alimentar a atmosfera, com o oxigénio que expelem.

No segundo andar fica o espaço para dormir, trabalhar e tomar as refeições. A maquinaria, os utensílios de trabalho e a geradora de electricidade têm o seu lugar no primeiro andar, sobre o alçapão de entrada.

A empresa está a construir modelos de todos os elementos que entram na composição da casa lunar. O dr. Gaume espera poder em breve mandar fazer um protótipo completo, para o pôr à experiência — primeiro na Terra, é claro.

As comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique estão a dar feliz ensejo de aparecimento a várias iniciativas de ordem cultural, para além daquelas que se enquadram no programa oficial. É o caso, por exemplo, do concurso Literário da Primavera e do Concurso de Autos Henriquinos, ambos promovidos pela Mocidade Portuguesa, a chamar para a figura e a obra do Infante as atenções dos jovens com vocação literária; é o caso, também, da instituição, para as três Universidades do País, do prémio «Talent de Bien Faire», cujos temas interessam a todos os campos do ensino superior, desde a medicina à história e do direito à botânica, pois em todos os campos há um aliciente apelo à investigação sobre o contributo dado pelo Infante e por Portugal ao enriquecimento cultural ou científico da Humanidade.

É ainda agora o caso do prémio que sob o patronato de D. João II a Agência Geral do Ultramar acaba de instituir e que pela sua avultada dotação — cinquenta mil escudos — passa a ser um dos mais altos galardões literários portugueses; destina-se a premiar o melhor trabalho de ensaio sob o tema da unidade nacional, entendida como o con-

por António Maria Zorro

junto de princípios que informam todo o processo da nossa política tradicional ultramarina, no que ela através dos tempos contribuiu para estruturar e estreitar os elos que ligam todas as parcelas do território lusitano.

Manda a verdade dizer-se que, no que se refere à Agência Geral do Ultramar, a iniciativa da criação do prémio D. João II é a sequência natural de uma autêntica «política de espírito», que começou por se traduzir em intenção e valiosa actividade editorial e ultimamente se tem caracterizado por estimular entre os escritores e os investigadores nacionais o gosto pelos temas relacionados com o Além-Mar.

Citam-se, entre outros, os prémios que anualmente aquele departamento atribui, nos seus concursos de Literatura Ultramarina — o prémio «Carmilo Pessanha», para poesia; o «Frei João dos Santos», para ensaio; o «Fernão Mendes Pinto», para novelística; e o «João de Barros», para História.

Bem recentemente ainda, criou também a Agência Geral, em colaboração com SNI, dois prémios para jornalistas, o «António Enes» para o jornalista metropolitano que melhor trate, no decurso do ano, os

Continua na 4.ª página)

COMO RESPIRA A GIRAFÁ...

As fossas nasais de uma girafa ficam lá muito em cima, mas os pulmões situam-se cá bem em baixo. Aqui fica apenas o esboço da charada que tem intrigado o pensamento científico de tantos fisiólogos desde o seu primeiro encontro com este ilógico animal.

Numa girafa, a distância desde o ponto em que se dá a entrada do ar até àquele em que esse ar é utilizado para as funções orgânicas chega, por vezes, a mais de três metros. Toda esta longuíssima traqueia é um «espaço morto», que a girafa precisa manter cheia de ar.

Sob o aspecto fisiológico, trata-se de coisa pouco provável e, sob o ponto de vista teórico, parece impossível. Contudo, nunca se viu uma girafa que se afligisse com isso e a Ciência tem que render-se à evidência. Aqui deve encontrar-se a explicação para a ávida curiosidade com que três cientistas norte-americanos se agarraram a mãos ambas à oportunidade de examinar de perto o fenómeno.

Recentemente, os drs. Eugene Robin, Joseph Carson e Gustave Dammin observaram uma girafa chamada «Hi Ha», que morreu num Jardim Zoológico de Michigan.

O seu interesse convergia principalmente para os pulmões e a traqueia quilométrica de «Hi Ha» que extrairam e prepararam com formol. A fim de os comparar, muniram-se também dos pulmões e da traqueia de um homem e de uma vaca, a qual — de clara ram — para o seu objectivo «pode ser considerada como uma girafa com pescoço curto».

O confronto revelou que o volume de ar que é preciso para encher o «espaço morto» da girafa era bem quatro vezes superior ao que seria necessário para o mesmo efeito na vaca, e nove vezes superior ao que seria indispensável, no homem. Além disso, os pulmões da girafa apresentavam uma capacidade de absorção de ar duas vezes

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA do CONCELHO

Progresso local

Voltamos à presença dos nossos leitores, especialmente aos que vivem fora do concelho, a dizer-lhes do andamento do progresso local para que possam acompanhar o nosso desenvolvimento.

A obra que desde há um mês prende a atenções gerais é a da rua que liga o Largo da Dr. Oliveira Salazar à rua Sá de Miranda, não tanto pela abertura da artéria, ainda em ossó e longe dele sair, mas porque o proprietário iniciou as construções de um lado e de outro. São trinta habitações a surgirem simultaneamente o que apresenta um aspecto grandioso e despertou geral curiosidade durante as Festas a Santo António.

É mais um sintoma de possibilidades que vem no momento próprio e que é digno duma cidade.

Entretanto ensaiam-se os passos para que na Rua Sá de Miranda comece a construção de uma habitação pertença do sr. Francisco Veloso. Também nesta rua se prevê a construção da oficina de serralharia do sr. Artur da Cunha Cruz seguindo uma modalidade

interessante: a Associação dos Bombeiros adquire um empréstimo suficiente para a construção da oficina na parte inferior do seu terreno. Depois aluga o edifício àquele industrial. É uma das modalidades possíveis para preencher aqueles terrenos ao mesmo tempo se garante o rendimento para a Associação.

Na saída para Caires procede-se ao desaterro para a construção do sr. Arlindo José de Macedo e vai fazer-se a escritura de venda de novo talhão para construções. A escola de Amares, para 2 salas, está a construir-se e a ampliação da escola de Ferreiros para 4 salas aguarda a satisfação de mais um empecilho burocrático.

A Capela de N. S. da Paz vai inaugurar-se para o mês que vem. Finalmente temos na parte nova um lavadouro graças às obras da Direcção de Estradas e à ajuda da Junta de Freguesia, obra em que esta só depende 600\$00.

Trabalha-se no esgoto das instalações sanitárias de Amares e vai fazer-se o mesmo nas da Feira Nova.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos: Amanhã a Srna. D. Madalena Gonçalves Rodrigues, e a menina Alexandrina Gomes Ferreira, de Rendufe.

Dia 27 — o sr. Daniel Lourenço Martins.

* * *

Passa no dia 29 do corrente, o aniversário natalício da senhora Maria Isabel Rodrigues da Silva, residente em Algueirão, Lisboa, na companhia de seus filhos.

Por tão faustosa data suas filhas e netinhos e toda a sua família, desejam-lhe muitas felicidades e que esta data se prolongue por muitos anos.

Aniversário Natalício

Passa hoje o aniversário natalício o nosso particular amigo, Senhor Manuel Joaquim Almeida Vieira, do lugar do Paço — Caires estimado empregado dos Armazéns da Feira, um empregado que os seus colegas admiram pela correcção e apuro na sua vida profissional.

Por tão faustosa data os seus colegas desejam-lhe as maiores venturas e esperam juntos numa das melhores

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Habituei-me a escrever-te semanalmente e isto quase se torna em vício. Há sempre coisas para te dizer e queres que tas diga...

Festa do Senhor da Saúde

Realiza-se todos os anos no terceiro domingo de Julho, e este ano cai no dia dezasseite. Há a convicção de que se revestirá de grande esplendor religioso. O aspecto profano fica muito caro e não agrada nada a Deus. Contudo a maior parte do povo católico liga mais importância ao elemento profano. Isto mostra que o homem animal

pensões desta vila, poderem testemunhar-lhe a consideração que por ele tem.

Um colega.

* * *

Na quarta-feira dia 29, passa o seu aniversário natalício, o dedicado empregado da Firma Paulo Macedo & Irmão, desta vila o senhor António Santos Barros, do lugar do Sertão.

Por isso mesmo os seus colegas e amigos desejam-lhe as maiores venturas, esperando festejar esta data com um apetitoso copo de água dos completos.

Um amigo.

continua a não perceber as coisas que são do Espírito de Deus. Não te parece?

Coisas incompreensíveis

Deu-se há semanas uma desordem junto ao muro da Quinta de Bouro em que são três os réus, dois os queixosos e seis as testemunhas. Começou por falta de educação nos agressores e continuou e acabou no mesmo defeito. Basta dizer-te, para compreenderes, que agrediram um ciclista pacífico na sua viagem e na sua vida, escangalhando-lhe a bicicleta, continuaram a provocá-lo e, quando três cavaleiros chamados para colocarem as coisas no seu lugar intervieram pacificamente, os agressores racharam

Continua na 4.ª página

ANIVERSÁRIO

Passa amanhã dia 26 as suas 3 rissonhas Primaveras a menina Emilia Manuela da Cunha Victoriano, filha do senhor Manuel Alves Victoriano e da senhora Amélia de Jesus da Cunha.

HUMORISMO

De mal o menos

—Venho pedir a sua filha em casamento.

—O quê? Dar a minha filha a um homem que não trabalha? Isso nunca!

—Bem, então faça-me o favor de ma emprestar...

Ainda os novos ricos

—Minha senhora o cozinheiro adoeceu.

—Que tem ele?

—Um ataque de gota.

—Meu Deus! A que tempo chegamos! Até os criados têm as mesmas doenças dos patrões.

Conversando

—Ó Luisinho é feio, foi mexer no doce.

—Não fui eu, mamã, foi o gato.

—O gato?! mas o teu bibe está todo sujo!

—Fui ele que veio limpar-se a mim.

Na Rua

—Que fazes aqui parado no passeio?

—A mamã disse-me que não atravessasse a rua enquanto não passassem os carros. Há mais de uma hora que estou aqui e ainda não passou nenhum...

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Da Junta de Freguesia de Goães, solicitando a esta Câmara para providenciar no sentido de naquela freguesia ser construída mais uma sala de aulas.

Do Comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana de Amares, pedindo a substituição de uma mesa-secretária.

Da Santa Casa de Misericórdia do Porto, pedindo a liquidação da factura da importância de 486\$00 respeitante ao internamento do doente António Dias Vieira.

Do Director de Urbanização do Distrito de Braga, informando que a comparticipação concedida a esta Câmara para conservação corrente das vias municipais só poderá ser liquidada se a Fiscalização daqueles serviços verificar que os trabalhos de conservação sejam levados e em regime de continuidade e justifiquem a liquidação da importância da comparticipação.

Da Imprensa Municipalista, Lisboa, informando que aquela firma remeteu à 1.ª Delegação da Inspeção Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais do Porto, duas medidas de zinco com a capacidade de 10 a 20 litros destinadas a esta Câmara, para serem devidamente verificadas.

Do Hospital de São Marcos, de Braga, comunicando o internamento de doentes.

De Electro-Olivença, Porto, comunicando que os transformadores se encontram reparados.

Do Hospital de São Marcos, de Braga, pedindo a liquidação da factura da importância de 6.364\$00 respeitante ao internamento de doentes pobres deste concelho no mês de Abril findo.

Do Fiscal dos Impostos José António Ramoa da Silva, indicando os seguintes nomes dos proprietários dos cafés e tabernas existentes na freguesia de Caldelas.

Do Hospital Geral de Santo António, Porto, pedindo a guia de responsabilidade desta Câmara para o internamento do doente menor José Manuel Gomes Caridade.

De Raul Fragata, de Braga, indicando os preços de selos brancos.

(Continua no próximo número)

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

A Barragem contra a doença

A história da actividade da Educação Sanitária nos principais países da Europa demonstra claramente que a barreira contra a doença é tanto mais eficaz quanto maior é a consciência sanitária do povo, melhor, do individuo.

Ora essa consciência não se forma com discursos inflamados, e muito menos com lamentos louvaminhos. É obra que requer evolução lenta acção metódica do esclarecimento científico, posta de graça, com bondade e compreensão, ao serviço dos habitantes de todas as cidades, vilas, aldeias e lugarejos do País.

Como a doença é um desequilíbrio que custa muito mais caro à Nação do que a saúde — as verbas orçamentais destinadas aos serviços hospitalares aumentam incessantemente, apesar da sua manifesta insuficiência — resulta que a educação sanitária

das populações não pode de modo nenhum ser considerada como matéria de somenos importância, mas uma imperiosa necessidade nacional e social, que deve abranger, em nome dos superiores interesses da Pátria, todos os homens, todas as mulheres e todas as crianças.

E como uma divulgação esclarecida dos princípios da educação sanitária, tem necessariamente de ser metódica, coerente e disciplinada, resulta que é preciso criar ou desenvolver os órgãos vitais desse trabalho de tão vasto interesse nacional.

Os serviços públicos compreenderão, decerto, o bem fundamentado desse interesse e a sua actividade será com agrado secundada — não podia ser de outro modo — por todos os espíritos que querem engrandecer Portugal.

Comentando as festas a S. António

(Continuação da 1.ª página)

Ha que continuá-la. Foi um espectáculo grande que não pode deixar-se cair. Se se pudesse transferi-la para independentes, seria ideal, mas continuando assim está bem.

O desafio de futebol deve continuar entregue ao F. C. de Amares mas tem de ser enriquecido. Cumpra a Comissão abeirar-se a tempo da Direcção e cuidar para que tal suceda.

A Festa da Rádio não desagrudou mas a modalidade tem de ser substituída. Temos de voltar ao Arraial Minhoto, no ano findo feito com proveito, até porque temos umas instalações admiráveis e se viu que os visitantes gostam mais dele.

O conjunto da Rádio é de aproveitar e contratar novamente mas com orquestra. A organização deveria estar a cargo da Direcção dos Bombeiros, o que parece fácil de conseguir.

No sábado à noite, devido ao arraial e para lhe não tirar assistência não conviria

rancho, mas nos outros dois dias de Festa é aconselhável ter um rancho cada noite. Dizemos um rancho só porque o programa dos ranchos é sempre extenso e dá para preencher todo o tempo, com intervalo que é preciso para o dispensar para os restantes divertimentos o povo.

As Bandas estiveram à altura como vem sendo costume. Também neste aspecto convém conservar.

A Câmara deu 3.000\$00. É o mesmo que dava outrora para umas Festas que não passavam de uma missa cantada, em alguns anos. A Câmara de Vila Verde dá 10.000\$00 para as suas Festas e consta-nos que a Junta de Turismo de Caldas dá 10.000\$00 para as Festas a Santiago. Estas ainda recebem 1.500\$00 da Câmara o que totaliza 11.500\$00.

Não são os outros que dão muito para as suas Festas, nós é que temos de nos convencer que a Câmara dá uma ninharia para essas Festas que são as suas — as do Concelho.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Leia, Assine

e Publique

«Tribuna Livre»

Espezinhar, não!

(Continuação da 1.ª página)

mente, ali, com o pessoal português, numa fábrica portuguesa!

«Venham ensinar-nos, porque nós temos quem aprenda, mas também temos quem saiba dirigir. Espezinhar, não! A continuar assim nada nos admira que um belo dia ponham um chefe de serviço a limpar retretes, porque não é... imoral!

De Sagres ao Mundo

No Sacro Promontório, duro, agreste,
Raiou celeste o Astro Diamantino.
Calam-se as trevas; do pré mundo empório
O mastro Glório faz-se ao Mar ferino.

Fazem-se aos mares, da Cruz as caravelas,
Gaivotas belas, de Cristãos o sonho.
Cerram-se os Céus e, em constantes pragas,
Rugem as vagas num carpir medonho!

Soltam as velas procurando um Norte,
E quase à sorte vão rasgando os mares.
Abrem estradas no Oceano bruto,
Deixando o luto a pairar nos lares.

Já vai ao largo o Portugal Eterno,
Em denso inferno demandando os Céus.
Já se perdera o mastro no Horizonte,
O grande Arconte leva a Cruz de Deus.

E vai assim, um pequenino povo,
Rasgando o Globo entre mar e Céus.
Abrindo as portas ao Jardim d'Europa,
Leva na frota o farol de Deus.

E desta sorte, o Portugal d'antanho,
Em simples lenho flutuando aos ventos,
Rasgando vagas, desbravando mundos,
Torna fecundos nossos sentimentos

Flutua ao longe a Bandeira das Quinas
às Henriquinas vistas do Infante.
O Leão fica no alto Promontório,
O mastro Glório segue triunfante.

Rompem as náus galgando o monstro-belo
E no Restelo o véu da noite cai!
Pairam soluços nas margens do Têjo
E o Povo Egrégio faz-se ao Mar, lá vai!...

Gota d'Orvalho

Já não é um acontecimento fazer-se um lato com 2,25 de fazenda, mas sim uma realidade que se confirma dia a dia. E se V. Ex. é dos que ainda duvida? Então visite.

ALFAIATARIA BELCORTE

DE **José Eduardo Macedo Gonçalves**

Alfaiate diplomado em obra de

Senhora, homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa colecção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem. N. B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amares

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo
mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || **BRAGA**

LAGO

(Continuação da 1.ª página)

a cabeça a um deles! O pretexto do ataque ao ciclista foi este: que ele os ia espreitar para os conhecer!! Era de dia e estava sol quente... O caminho é público e é dos mais movimentados da freguesia! Que tinham eles com a intenção de quem passava? E enganaram-se porque o ciclista ia simplesmente ganhar a vida ou tratar disso, pelo menos. Há testemunhas.

O caso foi para o tribunal e as testemunhas disseram o que viram e ouviram. Nem podia ser de outra forma. Acontece, porém que o pai de um dos réus queria bater em uma das testemunhas!... E ouvi dizer que iam esperar outra para o mesmo fim.

Não compreendo. Creio porém que tudo isto se baseia na falta de rectidão e de educação. Pois claro!

A caridade gera a preguiça

Quem tal diria? Pois eu tenho visto homens e mulheres válidos a pedir. Não querem trabalhar, mesmo nos grandes apêtos, como aconteceu agora nos trabalhos agrícolas. Tiram melhor ordenado, a pedir e cansam-se menos...

Dizem-me que a companhia de Jesus, por princípio e auxiliada pela Cáritas, distribui a muita gente, em soulo, comestíveis diversos e em qualidades apreciáveis. Resultado: sobretudo as mulheres não querem trabalhar e os agricultores vêm a Lago contratar jornaleiras por todo o preço...

Dispõe do teu J. Moreira.

Cerimónia de apresentação de cumprimentos

(Continuação da 1.ª página)

mencionou quanto o Distrito esperava do novo Comandante, militar integro e inteligente e cidadão exemplar.

No final falou o homenageado a quem a assistência tributou carinhosa recepção. O orador agradeceu as palavras e a presença de quantos ali estavam e referiu-se à maneira como orientará a sua acção, respeitando e fazendo por educar, ou agindo com decisão e firmeza se isso for preciso para manter a disciplina e a ordem.

Terminou por referir que será ponto de honra para a corporação o estreitamento de relações e perfeito entendimento com todas as autoridades, através de uma convergência íntima, leal e operante.

Foi muito ovacionado e cumprimentado, no final recebendo a inequívoca prova de quanto a cidade o Distrito apreciam as suas qualidades e de quanta satisfação causou a sua escolha que muito prestigia as altas esferas e a corporação que servir.

Agência Funerária

DE

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em **COUCIEIRO—VILA VERDE**

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 63

(CONTINUAÇÃO)

Toda a vida se praticaram barbaridades; ficou apenas a torre, a que davam o nome de *Vara do Castelo*.

Seguem-se *Gomes Lourenço, Rui Gomes e Lourenço Rodrigues de Abreu*, cavaleiros mui principais nos reinados de D. Sancho I, D. Afonso II e D. Sancho II, herdeiros, senhores e conservadores das mesmas posições.

Gomes Lourenço de Abreu, filho daquele último, já se considera senhor do couto de Regalados, e também de Valadares por sua mulher D. Guiomar Lourenço de Valadares (note-se a abundância de *Lourenços* que se multiplicaram até ao fim da 1.ª dinastia).

Querendo D. Dinis dar Melgaço a outro fidalgo, ele apôs-se e obteve setença favorável em 1 de Julho de 1317.

Lourenço Gomes de Abreu, diz Felgueiras Gayo que é a partir deste que se põe menos dúvidas a respeito da ordem de filiação desta família, pois, a respeito dos ascendentes, a tratam uns de modo diferente de outros. Senhor do couto de Regalados, Barbeita, Valadares; dos castelos de Melgaço e Lapela; foi embaixador de D. Afonso IV junto de Jaime II de Aragão e dos soberanos de Castela, a tratar a paz entre eles. Casou com D. Teresa Correia de Azevedo, filha de Estêvão Pais de Azevedo e de D. Guiomar Rodrigues de Vasconcelos.

Vasco Gomes de Abreu foi protagonista nas particulares e muito sérias murmurações e intrigas que se armaram cerca das relações de D. Leonor Teles e o Andeiro, as quais trata a crónica de el-rei D. Fernando, entre os capítulos 139-142 e por diante em suas piores consequências — que foi preso o Mestre de Avis e Gonçalo Vasques de Azevedo, e por pouco salvos da morte a que estavam condenados.

Era este Abreu, por sua mãe, parente mui chegado da rainha D. Leonor (filha de D. Dulce ou Aldonça de Vasconcelos e de Martim Afonso Teles de Menezes) como era igualmente Gonçalo Vasques de Azevedo, filho de D. Maria Rodrigues de Vasconcelos e de Vasco Pais de Azevedo. Na referida conjuntura, o Abreu denunciou à rainha a responsabilidade daquelas intrigas.

Foi verdadeiramente crítica a desorientação da nobreza neste meio tempo; e já vinha de trás, que as entradas de Henrique II de Castela, e dos seus *adiantados* na Galiza, sobremodo experimentavam a constância e a lealdade dos alcaides e dos fronteiros — mores.

Houve tergiversações escandalosas de pais, cujos filhos vieram depois ao bom caminho: exemplo o de Diogo Gonçalves de Castro, acويمado de traidor durante o cerco de Guimarães, onde o mataram «e deixaram-no comer aos cães» (crónica cit. cap. 34) para depois seu filho, Lopo Dias de Azevedo se fazer companheiro do Mestre de Avis, que o armou cavaleiro em Aljubarrota.

Parece ter sido na ausência deste Vasco Gomes de Abreu, capitão-mór da fortaleza de Monção, que sua mulher, a famosa heróina Deu-la-deu Martins sustentou, com uma coragem mais que varonil, a sua diminuta guarnição contra as forças muito mais numerosas de Pedro Rodrigues Sarmiento. Já faltavam os mantimentos a sitiados e sitiadores quando a valorosa mulher teve a feliz ideia de arremessar-lhes os pães fabricados com a última farinha do celeiro. E o inimigo, julgando a praça bem provida, levantou o demorado cerco. Caíram daqui os galegos vingativos sobre o Castelo de Faria, para dar ocasião 1373 a que se revelasse, em sumo grau, outro gesto de lealdade e heroísmo, qual foi o do imortal alcaide Nuno Gonçalves e de seu filho que se cobriram de eterna glória.

Mas estes exemplos tiveram as suas alternativas. Este Abreu, porque era parente de Leonor Teles (como aliás eram os Vasconcelos e os Azevedos) foi mais longe com a sua dedicação. A situação emergente desta agitada época pôs os Abreus na pendência da balança política do tempo, não reconhecendo facilmente o dono estes lobos das montanhas.

Firmados pelas elevadas posições estratégicas do Alto Minho e aliçados com as melhores casas da Galiza — de Castros, Sarmentos, Sotomaiors, Araujos, Zunigas, etc. — onde tingam seus solares e várzeas mais férteis e rendosas que as torres e castelos da fronteira, erguidas sobre os eirados dos penhascos e o partido do Mestre de Avis esteve longe de lhes sorrir à primeira vista.

Assim foi que os castelos e praças fortes desta província, todos ou quase todos tomaram voz por D. João I de Castela: Neiva, cujo alcaide Alvaro Gomes de Abreu levou

CINCO SÉCULOS DE ESPERA

Continuação da 2.ª página)

tarde, em Roma, a Sagrada Congregação dos Ritos aprovava por aclamação esse culto, logo confirmado pelo decreto pontifício «Clementissimus Deus».

Temos assim, pois, que desde Janeiro de 1918 a Igreja Católica venera universalmente o Beato Nuno de Santa Maria. De então para cá — e passaram-se, entretanto, quarenta e dois anos — as crianças da Cruzada Eucarística têm rezado pela canonização de Nun'Alvares, a sua festa litúrgica é precedida de uma novena pela mesma intenção e edificou-se em Lisboa uma igreja paroquial que, significativamente, se cha-

ma do Santo Condestável e não do Beato Nuno.

Não se dirá que a consciência cristã do País ficou inerte perante o extraordinário valor do decreto «Clementissimus Deus». Seria, todavia, desejável que se tivessem redobrado os esforços feitos nos vinte anos que medearam entre 1894 e 1914 sob a égide da Ordem Carmelitana e do Episcopado; e teria sido muito grato a todos os portugueses, fosse qual fosse o seu grau de catolicismo, que este 24 de Junho de 1960, sexto centenário do nascimento de Nun'Alvares, fosse o almejado dia da sua canonização em São Pedro de Roma — um dia que se espera há cinco séculos.

com um virotão pela visagem do bacinete, com que lhe deu o Condestável, e logo foi morto e o castelo entrado, o de Viana que teve a mesma sorte; assim mesmo os de Cerveira, Ponte de Lima, Caminha e Monção, que mal resistiram e estavam sob guarda de indivíduos da mesma família, ou com ela relacionados.

Este Vasco Gomes de Abreu foi um dos que assistiu ao solene juramento de D. Pedro I, a respeito do seu casamento com D. Inês de Castro. El-rei D. Fernando outorgou-lhe licença para reconstruir a velha torre ou casa-forte de Abreu que a guerra do seu tempo havia danificado. A ele e a seu filho *Diogo Gomes de Abreu*, que também seguiu o partido de Castela, foram-lhes confiscadas as terras que tinham em Portugal e este só as recuperou depois que se recompôs com D. João I. Voltou à posse dos direitos reais de Vila Boa que houvera por mercê de D. Fernando, em que fora alcaide-mór de Melgaço e Castro Laboreiro. Casou 1.ª vez com D. Violante Afonso Teles (mais este reforço de parentesco com a que fora rainha e sua cunhada) 2.ª vez com D. Leonor Viegas, filha de Nuno Viegas meirinho-mór de Trás-os-Montes e senhor de várias terras nessa província, donde parece ter vindo aos Abreus o padroado de Roças.

Consta que foram estes os instituidores do morgado de Coucieiro e casa de Regalados, em 1415.

Pedro Gomes de Abreu, senhor das terras de seu pai e do padroado de Roças, Vila Boa de Roda (Vieira) e outras que D. Afonso V, de cujo conselho era, lhe mandou restituir depois das pazes com Castela. Casou com D. Aldonça de Sousa, filha bastarda do mestre da Ordem de Cristo, Lopo Dias de Sousa, neta da desventurada D. Maria de Menezes, mulher e vítima do infante D. João de Castro (filho de D. Inês) — irmã de D. Leonor Teles.

(Continua no próximo número)

Como respira a Girafa

(Continuação da 2.ª página)

meia maior do que a da vaca e cerca de oito vezes maior do que a do homem. Da mesma forma, o peso dos pulmões correspondia ao dobro do peso dos pulmões da vaca, embora o peso total do corpo dos dois animais seja sensivelmente idêntico.

Por outro lado, o exame ao microscópio demonstrou que o tecido pulmonar da girafa é mais espesso do que o do homem ou o da vaca e contém pesada rede de fibras elásticas, «admiravelmente adequada ao trabalho extraordinário que deve ser preciso para ventilar um *espaço morto* tão vasto» — dizem os cientistas no jornal técnico «Nature».

Não contente com isto, o dr. Robin resolveu visitar o Jardim Zoológico do Bronx, em Nova York, a fim de observar como respira uma girafa viva. Descobriu que esta, em média, inspira oito a dez vezes por minuto, no que se mostra um animal apreciavelmente lento. No entanto, isto parece bastar para manter um animal de pescoço comprido e significa que deve ser baixo o número de vezes que o «espaço morto» requer renovações de ar.

Prémio D. João II

Continuação da 1.ª página

problemas ultramarinos, e o «Costa Álvares» para igual tema, mas para jornalistas das Províncias não europeias de Portugal.

O Prémio «D. João II» aparece-nos, portanto, como algo mais do que um número a inscrever na longa lista dos empreendimentos comemorativos de centenário henriquino, é, como se viu, o remate excelente da série de concursos literários promovidos pela Agência Geral do Ultramar, que poderá bastar só por si para desfazer a lenda de que a actividade intelectual portuguesa se encontra deficitária; bastará, sim, se os intelectuais portugueses souberem corresponder como devem ao que deles é lícito esperar neste capítulo. Não se acredita que possa haver uma verdadeira literatura portuguesa se esta não mergulhar as suas raízes na própria essência da vida nacional, e uma profundidade maior do que o nível da intriga burguesa ou rural do acanhado corredor em que vivemos na Europa.

Possa o «Prémio D. João II» servir para levar a bom termo esta nova e indispensável passagem do Cabo das Tormentas, esta nova empresa dos Descobrimientos, desta vez no rumo dos mares do Espírito, que nem sempre são os mares mais tranquilos, menos perigosos, ou menos gloriosos.



COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO'

FUNDADA EM 1835

SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

Considerandos...

por B. Ribeiro

Os portugueses são alegres. O nosso povo em tudo procura motivos de alegria. Conserva, com justeza, a fama de povo alegre. Por tal motivo não haveria razões para desequilíbrios nervosos...

O mês de Junho, o mês dos santos populares, é um dos mais escolhidos para festas e festinhas. Música e foguetório p'ró ar, e vá de alegria a rodos... que festa é festa! Mas não é só Junho. Todo o verão é folião.

Até aqui nada ficaria de anormal. No entanto, o foguetório tem causado inúmeros desastres e grandes calamidades. São incêndios, defeitos físicos, mortes, etc.

Isto é motivo para se protestar. E protestamos mesmo contra a *leviandade* ou *facilidade* com que se fabrica, armazena e transporta — e mesmo com que se lança — o foguetório nas nossas terras!

Diariamente nos surgem notícias de acidentes alarmantes, causados por esse maldito engenho, tão incómodo como perigoso. As crianças aumentam o rol das vítimas, atraídas pelas bombas que não rebentaram antes, para lhes esfacelarem as mãos, os braços, as faces... ou mesmo roubarem-lhes a vida depois!

Recordamos neste momento e já mais esquecido Paulo Freire (*Mário*) — jornalista vigoroso e de se empoeirado — que encetou duas campanhas de vulto e dignas de melhor sorte: — os *poços sem resguardo e as bombas de foguetes*. Ninguém lhe votou atenção. Os desastres sucedem-se num e noutro campo. Paulo Freire morreu. A sua campanha continuará latente, que latentes

persistem os dois abismos.

O foguete continuará reinante nas festas e romarias de Portugal, que festa sem música e foguetório não é festa. Há uma espécie de foguetes muito admirada e que revela engenho e arte na pirotécnica. É o fogo de... ..lágrimas. E quantas festas terminam com grandes manifestações de lágrimas?!

Somos de acordo que urge dedicar a este sector uma regulamentação mais atinente e adequada, para que as alegrias do povo se não transformem em lágrimas, dores e luto!

* * *

Agora vamos às americanices.

Em Montreal, o Juiz da cidade condenou em três anos de prisão um indivíduo que assaltava à mão armada. O réu contava 62 anos.

Com o pasmo dos magistrados, o homem levanta-se e pede ao Juiz que lhe aumente a pena para... oito anos! É que, quando saísse da prisão, contaria 70 anos — a idade da reforma, e portanto não haveria mais sarilhos!..

O Juiz fez-lhe a vontade e alterou-lhe a pena para 8 anos. O réu desfez-se em agradecimentos e ficou radiante com a garantia da reforma, sem mais preocupações...

É de crer que a reforma fosse vantajosa, pois sofrer de livre vontade mais 5 anos de cadeia... é motivo de estoicismo...

No entanto, isto foi lá. Foi no Canadá.

* * *

A Justiça na América dife-

Código Administrativo

(Continuação da 1.ª página)

Concursos

Passaria a haver 3:

1) — De **habilitação**, prestado na Direcção Geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior, para todas as categorias e classes.

Estes deveriam ser periódicos, de 3 em 3 anos, nos meses de Janeiro, abertos em 1 de Dezembro, quando para oficial, e em 1 de Outubro, para escrivão.

Se porventura em Janeiro ainda se não tivessem colhido as informações políticas dos candidatos, estes ficariam na contingência de não serem depois providos ou nomeados definitivamente, se tais informações lhes fossem desfavoráveis.

O acesso a aspirante, deveria ser por antiguidade, dentro

de Estado para Estado. É benévola num e austera noutro.

O já famoso Caril Chessman sofreu 12 anos de agonia na prisão, sendo finalmente executado.

Entretanto, em S. Francisco, foi preso um cavalheiro com os seus 30 anos de idade, acusado de *ter casado com 11 mulheres, sem nunca se haver divorciado de nenhuma delas!*

Pois bem, teve sorte o homem. Não foi executado, mas apenas condenado a prisão. A justiça foi benévola. Parece-nos que o melhor castigo ainda seria deixá-lo em liberdade... mas obrigado a *sustentar e a aturar* as 11 mulheres! — Talvez ele viesse a pedir a pena de morte... Quem sabe?!

Pisões, Junho de 1960.

da autarquia onde se desse a vaga.

2) — De **promoção**, para os classificados no último concurso, segundo a ordem de mérito, ter-se prestado serviço militar, e, em último caso, ser mais idoso no serviço.

No caso de vir a ficar deserto, e tratando-se de escrivão, poder ser nomeado para ali, outro que o requeresse por transferência, e não o havendo, poder-se nomear um indivíduo formado em direito sem exigência de provas de habilitação.

3) — De **transferência**, alternadamente com o de promoção, sómente para os funcionários de igual categoria e classe, mediante requerimento, preferindo-se os mais antigos na classe, os que tivessem prestado serviço militar, ou os mais velhos em idade, respectivamente.

Uma lista imparcial e metódica, organizada na Direcção Geral da Adm. P. C. do M. Interior, regularia a distribuição das vacaturas, por um outro concurso.

Igualmente se alternariam estes concursos, se algum deles viesse a ficar deserto.

Permutas:

Depois de um ano de estadia num lugar, poder-se-ia autorizar a troca do mesmo, por um outro de igual categoria e classe, mediante requerimentos, devidamente informados pelos chefes das autarquias respectivas, de ambos os interessados. Esses deferimentos seriam apenas publicados no D. Governo, e mencionados na acta de posse sem mais formalidades.

Conjuges:

Logo que ocorresse uma vacatura na autarquia de um deles, correspondente à classe e ca-

tegoria do outro, deveria ser permitida a transferência destes, mediante requerimento, sem dependência de tempo de serviço no lugar em que se encontrava, e sem necessidade de informação do chefe para onde pretendesse ir.

É sabido existirem muitos cônjuges funcionários, colocados em localidades distantes um do outro, no que nenhuma vantagem moral e de serviço há nisso, antes, pelo contrário. Também nenhum prejuízo adviria para terceiros, uma vez que cada um sómente pode ocupar um lugar.

Disciplina:

Para os lugares que, em todos os concursos, ficassem desertos, poderiam ser transferidos, por motivo de serviço disciplinar, os funcionários da classe com más informações das inspecções administrativas, sendo-lhes, porém, pagas as viagens, para si e sua família, pelo Estado, bem como a ajuda de custo de marcha e de transferência de residência, mas de onde só poderia sair por efeito de promoção ou aposentação.

a) — Um leitor

Carro de Aluguer

Vende-se

Marca, Dodge, em bom estado, e com licença de aluguer em Galdelas.

Ver ou tratar:

António José da Silva

Visado pela Censura

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

-mór do castelo de Nóbrega; senhor de Vila-Chã e Larim por mercê de D. Fernando, e era casado com D. Teresa de Andrade, filha do mestre da Ordem de Cristo, D. Nuno Rodrigues Freire de Andrade Sotomayor.

Outros dizem, e com razão, porque as Inquirições de 1258 assim o certificam, que as honras de Castro e de Vasconcelos não estiveram já na posse de Vasco Machado.

Sendo de Rui Vicente de Penela, casou sua filha, D. Mécia Rodrigues com Rodrigo Anes de Vasconcelos, senhor da honra da seu apelido; e a filha destes — D. Maria Rodrigues de Vasconcelos as levou à Casa de Azevedo pelo seu casamento com Vasco Pais.

Passou destes a seu filho Gonçalo Vasques de Azevedo; deste a Diogo Gonçalves de Castro, que assim se chamou por fixar aqui a sua residência; deste a Lopo Dias de Azevedo e finalmente a seu filho, do mesmo nome — Lopo, a quem, pelas razões do partidário que acabou tristemente em Alfarozeira, D. Afonso V mandou confiscar os bens e deles fez mercê, com as condições e pelos meios já referidos, ao seu servidor *Pedro Machado*, filho do sobredito Vasco Machado, no qual principia a conhecida série dos antigos donatários de Entre-Homem e Cávado e pádroeiros de Carrazedo.

Os Machados não eram estranhos a estas terras de Entre-Homem e Cávado, como se verifica; e por mostrar como vinham de longe relacionados com *Vasconcelos*, e as demais famílias desta região, berço de muita nobiliarquia, um breve trecho dos «livros das linhagens».

«E dom Egas Moniz de rriba de Doyro... foy casado duas vezes, a primeira com dona Moor Taaez filha de dom Taay Goterrez da Silva, o que emcoutou o moteyro de *Tivaaes*, e houve Lourenço Veegas o Espadeiro e dona Leonor Veegas que foy casada com dom Gomçallo

Meemdez o Lidador.... Depois da morte de sua mulher, dona Maria Gomez filha do comde dom Gomez Muniz de Poombeiro, houve Lourenço Veegas um filho natural de uma mulher que houve nome Hortigueira; chamou-se Egas Lourenço e foi casado com *neta de D. Egas Paes de Penagate e de Boiro* (L.º Velho) seu filho Soeiro Veegas Coelho foy casado com dona Moor Meemdez filha de *Meem Moniz de Camdarey*, o que entrou primeiro em Santarem quando a filharom. Sua filha a comdessa dona Maria Soarez Coelha, filha terceira de Soeiro Veegas e de dona Moor Mendez foy casada com *Joham Pirez de Vaascomçellos*, continuando com aquele episódio de «revindicta» que teve lugar no mosteiro de Fonte-Arcada (Lanhoso) como foi referido *Entre-Homem e Cávado* no cap. «Riba-Cávado e Riba-Douro», quando afinal as duas regiões se encontravam ligadas pelos laços de famílias que nelas predominavam — fruto dos costumes e da política de um dado momento histórico que foi o da transição do reinado de D. Sancho II para a *regência* de D. Afonso III.

(CONTINUA)

MELHOR E MAIS BARATO Só na Casa MÓVEIS ALVES

Mobílias completas e avulsas, estilos antigos e modernos, colchoaria de toda a espécie, carpetes, passadeiras, tapetes, etc.

ARMAZÉM GERAL:

RUA DOS CHÃOS, 136 — BRAGA

FILIAL, EM FEIRA NOVA — AMARES